

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRESA SEMANAL

EXPRESSO	AVANTE
SEMPRE FIXE	PORTUGAL SOCIALISTA
TEMPO	POVO LIVRE
O JORNAL	ALAVANCA
NOVA TERRA	UNIDADE
VOZ PORTUGALENSE	LUTA POPULAR
GAZETA DA SEMANA	PODER POPULAR
	Voz do Povo
	-4. OUT 1979

PINTASILGO NA ONU

Portugal procura papel de charneira entre países ricos e pobres

A viagem de Maria de Lurdes Pintasilgo às Nações Unidas ficou marcada por actividades de índole diversa. Assim, enquanto por um lado subia à tribuna para pronunciar um importante discurso, por outro reunia-se com industriais americanos na Câmara de Comércio Luso-Americana, reunia com o secretário de Estado Cyrus Vance e tinha encontros com diplomatas doutros países de expressão portuguesa. Tudo isso fez com que esta viagem até Nova Iorque não passasse despercebida malgrado a presença quase simultânea do papa, com quem, aliás, Maria de Lurdes Pintasilgo teve um breve encontro de alguns minutos.

Tom geral destes contactos, assim como a tónica dada ao discurso, constituíram indicativos claros de que esta viagem à ONU vem no seguimento da política externa portuguesa e, nomeadamente, das viagens do Presidente da República às ex-colónias.

UM DISCURSO MORALISTA

O discurso pronunciado na ONU foi marcado, todo ele, por um nítido carácter moralista e pela defesa daquilo que Pintasilgo classificou como "nova ordem económica internacional". Em várias ocasiões, a Primeiro-Ministro referiu-se às relações entre os países ricos e pobres, repartindo por ambos a responsabilidade na criação dessa nova ordem. Quanto aos primeiros, salientou que era preciso que pusessem em relevo "os valores da natureza humana e social e procurassem deliberadamente objectivos culturais e sociais". Já no que diz respeito aos segundos Maria de Lurdes Pintasilgo apontou-lhes a escolha "dum pragmatismo são, que não esteja, desde logo, limitado pelo radicalismo verbal e que façam depender uma nova ordem não só de concessões dos ricos, mas também das conquistas irrefutáveis que tenhamos sabido fazer entre nós".

Especificando a política externa portuguesa em várias frentes, Maria de Lurdes Pintasilgo proferiu um violento ataque contra o Apartheid, defen-

deu o direito do povo palestiano a uma pátria sua e propugnou a autodeterminação de Timor-Leste. Para além de se ter igualmente pronunciado a favor do desarmamento e nomeadamente, da ratificação dos acordos Salt II, Pintasilgo pedia ainda o território português à disposição para a instalação do "Tribunal do Mar", organismo ligado a Convenção sobre os Direitos do Mar.

ATAQUE À POLÍTICA DO FMI

Para os portugueses tem, no entanto, um significado especial a passagem do seu discurso em que é feito um ataque velado à política do FMI. "Um processo de desenvolvimento — referiu a dado passo — não é compatível com as limitações económicas tantas vezes impostas do exterior, fixando taxas de inflação de desemprego quando não também o próprio aumento da riqueza. Constrangimentos desse tipo criam afinal no seio de regiões inteiras ou na vida de um povo, a fixação irreversível, a médio ou longo prazo, do tipo de actividades científicas, técnicas e comerciais, impedindo-as de estarem verdadeiramente ao serviço de um povo e da sua cultura. São assim a negação do próprio desenvolvimento".

Pena é que entre as palavras de Maria de Lurdes Pintasilgo e a prática do seu governo me-



Fundação Cuidar o Futuro

deie uma tão grande distância. Pena é que o seu governo tenha feito questão de manter esses compromissos que ela afinal soube tão bem definir, perpetuando no campo económico toda a política desastrosa dos anteriores governos.

Refira-se ainda, como marca de estilo da Primeiro-Ministro, o poema com que fez questão de encerrar a sua intervenção. Desta feita tratou-se de um poema de António Gedeão, "A minha aldeia é todo o mundo".

A CHARNEIRA

No final do seu discurso Maria de Lurdes Pintasilgo foi cumprimentada por políticos de todo o mundo e de todos os quadrantes. Pelo seu significado são de realçar as felicitações que lhe foram endereçadas pelo representante de Moçambique, Joaquim Chissano, que considerou mesmo este discurso como o "mais positivo proferido por qualquer dirigente português depois do 25 de Abril" e pelos

embaixadores da França e da RFA. Este pequeno pormenor é, porém, significativo do objectivo com que a Primeiro-Ministro quis marcar o seu discurso. O mesmo objectivo afinal que tem levado o Presidente da República a desenvolver as suas iniciativas diplomáticas tendo em vista as ex-colónias e que o embaixador de Portugal na ONU acabou por tão bem definir aos jornalistas: "Quanto mais nos afirmamos como europeus aos olhos do Terceiro

Mundo, mais enriquecemos a Europa, mais nos enriquecemos aos olhos da Europa e mais nos enriquecemos aos olhos do Terceiro Mundo. Porque só podemos ser honestos como interlocutores válidos na medida em que o Terceiro Mundo tenha consciência de que a Europa olha para nós com confiança. A nossa opção europeia é importante na medida em que reforça a nossa autoridade junto do Terceiro Mundo". E mais adiante: "somos charneira mas temos de estar agarrados a uma força. Essa força vem-nos da nossa opção europeia".

É esse papel de charneira, de intermediário entre vários grupos e, nomeadamente, entre os EUA e os novos países de expressão portuguesa, que tem marcado a política externa portuguesa e, mais uma vez, marcou este discurso de Maria de Lurdes Pintasilgo. Um discurso que já foi classificado de terceiro-mundista mas que não deixou de ser compensado pelo improvisado na Câmara de Comércio Luso-Americana onde a intenção de cativar os capitais americanos foi patente.

Quanto a esta política de charneira importa salientar que ela parece constituir, mais uma vez, uma quimera. Por um lado porque a CEE pouco precisa de Portugal para se relacionar com as ex-colónias (possui, entre outros instrumentos o pacto de Lomé) e em segundo lugar, e principalmente, porque o que dá força à política externa dum país é a sua própria coerência. E no que respeita à concorrência, que dizer duma política que sorri ao Terceiro Mundo de frente e por detrás se mantém na NATO e assina com os EUA acordos sobre a utilização de Bases (caso das Lages) que podem inclusive vir a ser usadas contra países do Terceiro Mundo?